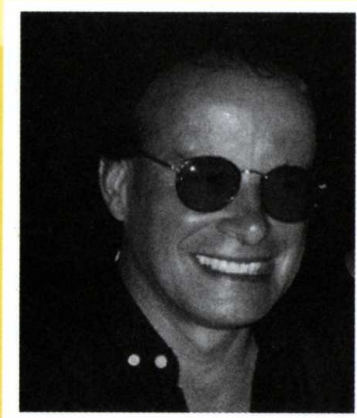


Paulo Roberto do Carmo

50
POEMAS
ESCOLHIDOS
PELO AUTOR



Edições Galo Branco

50

POEMAS
ESCOLHIDOS
PELO AUTOR

Paulo Roberto do Carmo

50

POEMAS

ESCOLHIDOS

PELO AUTOR



Edições Galo Branco

Copyright © Paulo Roberto do Carmo

COLEÇÃO “50 POEMAS ESCOLHIDOS PELO AUTOR” – Vol. 21

Direção: WALDIR RIBEIRO DO VAL

No frontispício: Xilogravura de ADIR BOTELHO

Nossas homenagens a José Simeão Leal, criador dos “Cadernos de Cultura” do MEC, na década de 1950, em que foram incluídos alguns livros denominados “50 Poemas Escolhidos pelo Autor”.

DADOS INTERNACIONAIS PARA
CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

C285c

Carmo, Paulo Roberto do, 1941-
50 poemas escolhidos pelo autor / Paulo Roberto do Carmo.-
Rio de Janeiro: Edições Galo Branco, 2006.
92p.; 21cm. - (50 poemas escolhidos pelo autor; v. 21)

ISBN 85-86276-99-5

1. Poesia brasileira. I. Título. II. Título: Cinquenta poemas
escolhidos pelo autor. III. Série.

CDD – B869.1

Direitos desta edição reservados a EDIÇÕES GALO BRANCO LTDA.
Av. Presidente Vargas, 482, sala 716 – Centro – Rio de Janeiro-RJ
CEP: 20071-000 – Tel.: (21) 2283-1742 – Telefax: (21) 2253-8396
E-mail: sac@edicoesgalobranco.com.br
Site: www.edicoesgalobranco.com.br

Impresso no Brasil

*ROSA para além do tempo
essas provas de linguagem
por tanto amor*

Dentro de minha mãe
CARMEN
habito a casa da memória

SUMÁRIO

Canto dos abraços	11
De tudo hei de pedir conta	12
Viver primeiro	13
Livro de preceitos – 1	14
Homem inteiro	16
Padecimento	18
Andar com as palavras	19
Livro de preceitos – 2	20
Agonia	22
Fome	23
Na partição dos pães	26
Eis o povo	27
Tambores da madrugada	29
Livro de preceitos – 3	30
Canto das ceias	32
De amar	33
Revolução	35
Livro de preceitos – 4	36
Canto das partições	38
Ousam os demônios	39
Os dias selados	40
Outra pátria	41
Livro de preceitos – 5	42
Canto dos figos	44
Canto dos moinhos ascendentes	45
Livro de preceitos – 6	46
Arte de revidar	48

Salmo do operário	50
Livro de preceitos – 7	52
Agora sabemos	54
Outridade	55
Sedução	56
Quando eu não mais estiver	57
Livro de preceitos – 8	58
Canto dos brios	60
Canto das provações	61
Canto das ânforas	62
Livro de preceitos – 9	64
Canto das reconciliações	65
Canto dos acasos	66
Livro de preceitos – 10	68
Canto da serenidade	70
Canto dos lodos	72
Livro de preceitos – 11	74
Canto dos invernos idos	76
Canto das indigências e ufanias	77
Canto da casa reencontrada	79
Eis a vida	81
Livro de preceitos – 12	82
Sou homem	84
O autor	87
Livros publicados	88
Algumas opiniões	89

CANTO DOS ABRAÇOS

No limiar das pequenas revoluções que se levantam
do cotidiano, recriar-te, mudando os hábitos,
será a mais alta devoção.

Ser de sonhos e fratrimônios, não te habituarás
à sucessão de sangue e desprezo e dor,
nem poderás calar os disparos da manhã.

Quando muitos desertam no limiar das possibilidades,
cabará a ti, enquanto a lua purgar a noite
e o sol germinar o dia, continuar o manto tecido
dos sentidos, ponto a ponto, na rotação dos fusos,
até alegrar-se a esperança com o dia de amanhã.

Senão o sonho, argila e sangue que podes compor
com outras mãos, muitas mãos solidárias,
o que mais podes alicerçar na rocha?

Abre a boca,
quando o Destino jogar uma tâmara, e planta sementes
com mãos coletivas. Do que o dia permite, resta o abraço.

DE TUDO HEI DE PEDIR CONTA

De tudo hei de pedir conta
dos rumos no sextante
do medo nos desvão
do tédio no horizonte.

De tudo hei de pedir conta
do orgulho, das culpas
da cal viva do desejo
dos óleos ferventes do ódio
do exílio no vazio
do fogo, da água
dos loucos, dos defuntos.

De tudo hei de pedir conta
limei a esperança
o sonho, os punhos.
Só das minhas palavras
não dou conta.

VIVER PRIMEIRO

Sentir primeiro, pensar depois.
Perdoar primeiro, julgar depois.

Amar primeiro, educar depois.
Esquecer primeiro, aprender depois.

Libertar primeiro, ensinar depois.
Alimentar primeiro, cantar depois.

Possuir primeiro, contemplar depois.
Agir primeiro, rezar depois.

Navegar primeiro, aportar depois.
Viver primeiro, morrer depois.

LIVRO DE PRECEITOS – 1

Como pode um homem gritar, se o Deus dorme,
e dorme o mundo, e tudo dorme em tudo?

Quem há de acordar primeiro,
arrombar a boca dos que calam,
e se consolam na dor?

Se assolar, Deus pode; revidar pode o homem.

Entre o homem que colhe
e o que semeia
há um homem que sonha.

Não esperes, a roer as unhas do tempo:
omitir-se de algum bem é engolir o mal,
o mesmo que desfazer é não fazer.
Se até os anjos desobedecem, não finjas
que não sabes,propinando a alma.

O Destino
se ateia como chama
no interior da hora compartilhada.
De tudo é capaz o homem,
se for um sonho só:
um sonho solidário.

O fogo que existe em ti, à cinza há de tornar.
Mesmo que te enraízes no futuro,
o presente que vibra de ti,

ao passado há de regressar.

Ainda que te entranhes no escuro,

a palavra que existe em ti,

outra palavra há de calar.

Mesmo que te enterres no sonho,

a dor que geme de ti, outra dor há de acordar.

Ainda que te semeias ao vento,

a hora que colhes de ti, o tempo há de velar.

HOMEM INTEIRO

Fechar os olhos ao corpo
é acender os candeeiros da alma.
Sonho despido de argila
a alma apenas respira
é anjo feito de éter.

Atreve-te, e sê inteiro
entra no sangue dos humilhados
em suas veias semeia o futuro
colhe a flor humana que se abre de ti –
do perfume a vazar embriaga-te
e tão confiadamente, que acharás
graça dos espinhos que te ferem.

Atreve-te, e sê inteiro
com a palavra, com o silêncio
engastado no tempo
altaneiro aos ventos
pára-raio nas tormentas.

Atrevido e inteiro
não saberás mover-te partido
grão a grão, dia de fome
outro de sonho
e na porção do tédio
mais se perde o desejo
a gotejar o que não dura
nem permanece.

Na garganta das ampulhetas
a embriaguez da esperança
a pernoitar na alma
e o tempo a mastigar-te
carne na lava, até o osso
e do fogo animado dos foles
um sopro de liberdade
que se encasula e espera
crisalidando ao sol.

PADECIMENTO

Se padeceres, alegra-te, não tenhas medo:
da janela dos cárceres, no mofo dos dias
entre noite e dor e vento, na leiva dos sonhos –
ali, quando o amor se aproxima no vão da febre,
no jugo da pedra, não serás só tu, se padeceres –
somos muito mais que nós, e solidários no haver
germinamos todos na grande labareda da Vida
agora e na hora das cinzas de nossa Liberdade.

Se padeceres, alegra-te, não tenhas medo.
Das bestas em tropel às aves do Paraíso
as cicatrizes não esquecem do lixo-homem
nem dos loucos onde a memória ferida supura em flor,
e se o sangue não afogar a dor, ainda podes gritar,
e só a palavra grita por nós, planta raízes
agora e na hora do levante de nossa Verdade.

Se padeceres, alegra-te, não tenhas medo
porque verás o futuro nas areias do tempo:
ainda não percebes que o amor aponta caminhos,
as portas se abrem de par em par, a Vida
é bela, bela, e o gozo há de calar o pranto?
Padecer mais não podes nos umbrais do Paraíso
agora e na hora de nossas cotidianas mortes.

ANDAR COM AS PALAVRAS

Andar com as palavras
é romper o ventre das horas:
em gotas de sangue dar-se à luz
ganhando caminho, para fora,
abrir o espaço, afrontando a solidão.

Andar com as palavras
é regressar à pátria de geografias futuras:
da árvore da alegria comer os frutos,
abrir suas peles de sonho, lambuzar-se nos sumos,
caminhar confiante rumo à aldeia dos homens.

Andar com as palavras
é cantar em si a mais alta febre do desejo
e cair e levantar sobre serpentes e culpas,
sempre para diante, sem trégua, com ufanía,
e mesmo rastejar até que asas brotem dessa dor.

LIVRO DE PRECEITOS – 2

Não sabemos o que fazem os mortos,
senão, por certo, que já não sofrem
mal ou dor – por que então sofremos nós,
nos cobrimos com sua sombra?

Por não temeres as palavras
poderão até esfolar-te
mas não te podem ferir
porque não temes as palavras
só não poderão roubar-te
o destino que tem de ser
porque não temes
com tua boca não poderás
beijar outras bocas
mas o grito, o revide
que é maior do que tu
ninguém o poderá conter.

Sangue e dor acasalados
dançam sob a música dos punhais,
brincam de morrer, e cada manhã
lavra-se a dor que na dor se habitua:
do que floresce, colhemos a faca dos sacrifícios.

Nem começaste a nascer,
e já queres entrar
na eternidade das raízes?
Se queres viver,

não morras mais.

Nenhum ladrão de tempo e dor
há de bulir-nos impune os lutos,
as feridas da alma, nem turbar
no silêncio da madrugada
nossos colóquios mais íntimos
com Madame Lamort.

A vida que se doa à vida,
emprenhando-a só de palavras,
há de voltar-se contra si mesma,
sedenta do próprio sangue.

AGONIA

Se a vida está posta para ti, e tu
posto diante dela, ergue a taça
o sangue da Palavra – e dança e canta
a transbordar o que de ti salta e grita.
Depois, solene, veemente, acorda a alma,
abre as cortinas do dia – deixa entrar o sol,
arder na alegria o fogo do desejo – em agonia.

FOME

Noite, amanhece em mim, noite,
e faz do sonho um dia afoito.

Fome, debanda de mim, fome
e faz do homem um sonho louco
no golpear dos punhais, até o cabo,
no calar da agonia, dai-me sede

o doer animal, a ferida aberta
que nos encilha no lombo da treva

pela boca, pelos olhos, pela terra
sempre vens, noite, e me queima a fome

sempre vens, fome, e me cega a noite
sem que eu te chame fera e coice

sombra mendiga de mim, fome
anjo maldito de mim, noite

sempre vens nos rastros do lucro
saindo do lixo de todas as coisas

das árvores, dos bichos, do vento
sempre vens, fome e sangue e noite

sem que eu te chame de mais-valia
por tudo, pelos famintos, pelos noctâmbulos

onde o logro é culpa só minha e sina
e máscara que me cala em qualquer ilha.

Não há mais tempo para me salvar nem
matar-me de faca e tiro eu ousaria.

Não há lugar para a casa, as palavras –
cheias estão as bilhas de medo, e da carniça

do amor os abutres comeram a alma,
pisotearam nos quintos o inferno

a alma que se ia plantar ao deus-dará
pela mão dos outros, pelo sonho dos outros

pela esperança dos outros engolimos
o desprezo até onde podemos suportar

pelos rios de sangue corre a aurora, e o medo
há de nos abrir os olhos sem ódio ao sol.

A dor há de nos purgar quanto mais resistirmos
e tece o orgulho a manhã em cada dia de fome

e ousa, ousa quando a hora bater, mesmo antes,
por tudo, pela noite, pelo sangue, pela covardia:

que a raiva dos deuses caia sobre todos,
a Vida é ninguém, ninguém – não sabe calar!

Sombra mendiga de mim, noite,
besta corcunda de crimes, fome,

anjo caído dos pélagos, noite
touro a escarvar o estômago, fome,

e venta a dor até a hora chegar,
morte-cachorra, morrer mais não podes.

Se não tu, fome, quem há de acordar
a aldeia, mudar o rumo das estrelas?

Quando os olhos insones da fome
olharem nos teus olhos, de suas caras

rudes, quem, senão tu, haverá de dizer
que a vida transgredida ainda é possível

quando a hora chegar, e mesmo antes?
A Vida é alguém, alguém – e não sabe calar!

NA PARTIÇÃO DOS PÃES

Na partição dos pães
no hábito pouco das palavras
na memória carnal das ausências

no hálito empestado dos fantasmas
que mal espera assento à mesa
que dor surda espia das soleiras
senão a fome, fome agourada fome?

No mesmo modo de andar e vestir
e jejuar reconheces a costumeira vizinha
de todas as horas, e já não te comoves!

EIS O POVO

O povo não é feito de fome ou lágrimas,
mas de pão, espírito e caminho. O sonho
a seu ofício, a puxar o carro do destino,
sem detença, senão diante das fontes
da alegria, e ali demorar-se no coração.
Eis o outro sonho, a investidura de outro ser,
e nos limiares, de peito nu, a liberdade,
a senha dos iniciados, as festas propiciatórias,
o escambo do peixe, do vinho, as laranjas
do tamanho de uma faminta aurora, e o povo
em chamas, habitante do fazer nos estábulos
da manhã, o povo a chamar-se em círculos,
os braços carregados de coisas perseveradas,
o povo a levantar-se ao chamado da própria voz
e andar, andar em direção ao sol da tribo,
que é feito de uma só árvore e muitas raízes
entrelaçadas para o beijo entre seivas de verde-sangue.
Eis o povo, por herança
condenado a ser pisado
e levantar-se do chão, pelas escadas do orgulho
rasgar todos os tratados, os consensos do mal.
Eis o povo a ouriçar-se como dos cardos ao vento
a palavra-em-flor. Eis o povo a debulhar
pela espada o trigo do tempo, que ora vibra
dos feridos perfumes. Eis o povo, pelo levante
hasteado dos punhos, como o fogo que se liberta,
e mais cresce, a partilhar as fagulhas, de coração
a coração, até gastar-se o círio dessa esperança
que só amanhece a velar o que é morto, na dor
desesperançada que sempre espera outra esperança

à margem oposta de um rio que não existe.

TAMBORES DA MADRUGADA

Criar é percutir tambores na madrugada
até acordar do sonho os espíritos famintos da alma.

Criar é medir forças com o Destino, encarniçar a vontade na crueza. O tempo tem pressa. O tempo não tarda. O tempo não antecipa. O tempo não espera. O tempo atrai o tempo que atrai a morte pelo fogo.

LIVRO DE PRECEITOS – 3

Entre o sonho e o desejo,
perdulários do tempo,

preparamos os jogos da morte.

Cada homem
pode tornar grande outro homem,
basta ensangüentar-lhe o orgulho
de humilhações amotinadas.

Nem os mais humilhados
de seu orgulho
podem ser despojados:
os dormidos estopins.

O que seria de nós
se as palavras não se encarnassem,
anjos-pequenos avidamente esperados?
Certamente nos converteríamos
em estátuas de sal.

O eterno retorno
das mesmas coisas cotidianas,
como lãs sonâmbulas,
nos faz sentir
que é preciso mudar de casa,
varrer da alma
os mesmos hóspedes indesejáveis.

Quem nos dera ser,
não pensar em nada,
abrir-nos como as espigas
em grãos de sol,
não vendo o destino terrível.

Sentir que despertamos
onde a eternidade adormece.

CANTO DAS CEIAS

Não alimentarás esse desejo circular e cego, que tudo

suga nas ventosas, mais do que albergam as poucas
necessidades. O desejo é fera a devorar a alegria
das coisas; nasce velho e se rejuvenesce.
E quanto mais desejamos, mais se distancia o desejado.

Criarás os desejos na coleira, animais domésticos
nos quintais da alma; desobedientes, serão punidos
com máscaras de flandres. Alimentados, virão lamber
de tuas mãos o afago e procriarão, rebentos de novos
[desejos.

E cada manhã irás ao redil, escolherás o de finas
carnes, cheio de espírito, e o sacrificarás
para o jantar à mesa da felicidade.

Para que serve o corpo, senão arder,
fertilizar o outro, almar-se?

Criar é percutir tambores na madrugada
até acordar do sonho os espíritos famintos da alma.
Criar é medir forças com o Destino,
encarniçar a vontade na crueza.

Porque nenhum homem há de se tornar o que sonha
sem andar sobre brasas, queimar os pés, suportando.

DE AMAR

De amar,

contigo me desavim.

Por viver,
comigo me desavenho.

Em penar,
de penas me desalento.

Ao cantar,
de mim me desgarrei.

Por conspirar,
do mundo me desagravo.

Ao crer,
de crenças me desalmei.

Em sonhar,
de mim me desabito.

Por esperar,
de esperança me desgracei.

Ao fugir,
de mim me deserdei.

De amar,
contigo me desavim.

Por viver,
comigo me desavenho.

REVOLUÇÃO

As bocas amordaçadas
não estão caladas.
A consciência
não está domada.

Os ventres famintos
ainda estão fecundos.
A esperança ferida
sangra no coração.
A revolução que há de vir
cristalizada no ar
já não tem ouvidos
apenas garras
e armas azeitadas
de baionetas ensarilhadas
no peito aberto em dor.

LIVRO DOS PRECEITOS – 4

Quem não frui o pouco
mais leve que o ar
como há de gozar o muito senão pela gula
circular dos abutres?

Saltar da argila humana é preciso,
enquanto os deuses ainda dormem,
roubar-lhes os dons, os augúrios
reinar sobre as paixões.

Fazer o mal consciente
é expor à luz suas carnes de sombra,
e com a palavra o apunhalamos.

Do que canta o meu coração
nenhuma dor há de ser em vão,
mas resina que o sustenta e anima
até erguer-se a alma clandestina.

A paixão fruída, desumilhada,
saltando de sua impaciência,
entre uma presa e outra presa,
é preferível à paixão sonhada,
com suas artes de envenenar.

Depressa, rogo-lhe, o tempo corre,
a alma não espera o sonho
de braços mutilados plantar-se no vazio:
é preciso fazer mais como homem
do que falar como Poeta.

Pesamos avenças e desavenças
as armas irreconciliadas
o avesso e o direito
e nos pomos a duelar
com medo de nos possuirmos
na mesma voz, no mesmo sonho.

CANTO DAS PARIÇÕES

Na tarde do décimo-oitavo dia
da brotação de tuas penas
se a palavra não gritasse a dor que se padece,
não exaltasse as promessas que saltam do

[nunca resignável
das coisas, quem saberia de ti neste mundo, os olvidos?
Senão a palavra, e seu rubor, quem tomaria de assalto
essa vida tão comedida? Quem suscitaria, dos sonhos,
os brios de sangue, a força do espírito erguendo os
[punhos,
os ventos medianeiros, as graças, este mudar-se por
[noites
e dias, este semear-se e colher antes que o sol decline
no ardil das horas? Sobre os relógios do corpo saberás
que é chegado o tempo eriçado, o tempo de iniciar-te
[nas parições.

OUSAM OS DEMÔNIOS

Sobre anjos e homens ousam
os demônios. Como de um morto
saqueiam, de seu silêncio, a palavra.

Andam no meio de suas chagas como
de um jardim, excrementam os juro
de sua ganância, apunhalam suas flores.

Erupção de nojo, envergonham o desejo.
No sopro dos foles, os demônios atiçam os cães
da humilhação sobre os que mais padecem.

Sopro de ira, não de sonhos, os senhores
da fome e do lucro, da carne e dos grãos
pesam injustas balanças, e do valor das coisas
gotejam os pobres sumos, as grandes arrogâncias.

OS DIAS SELADOS

Selados os dias, a promessa de outros exílios:
os olhos não se fartam de ver,
sem enxergar; nem a boca de falar,
sem nada dizer; a vida não se farta

de sonhar para dentro, os avessos;
nem o sonho de viver para fora,
os espelhos. De repente surpreendemos
a alma abandonando a terra – a carne
que podia ter sido – se o sonho fosse outro,
ou, pelo oco de sua sombra, o enchesse
de sentido, o animasse ainda de sangues
ébrios, a promessa de outras ressurreições.

Mas o sonho não tem fim. Nem a solidão.
E terra e sangue e vida nunca se fartam.
Só a alma nos reconhece, e espera, espera,
janela aberta ao infinito, e celebra
as núpcias da palavra e do espírito.
Selados os dias, a promessa de outros exílios.

OUTRA PÁTRIA

Toda saudade é um eco que rema
em círculos para o fundo das águas
do sonho, e emerge, desde o primeiro
lume da madrugada, a boca cheia

de palavras, os feitos, os afazeres,
as promissões – e rema, rema e vai
em busca da implorada saudade de outro
humano, de ouvidos que ecoem o riso,
a lágrima. É assim que o coração
atura o ofício de expulsar o sangue,
o trabalho dos batimentos. É assim
o coração, ecoante chama úmida
a remeter pelos gargalos de um
cântaro os dardos desejantes de um
outro nome, de um outro sonho
a fecundar-se de muitas mãos ávidas
por sobre ombros de outro humano,
nos apelos de estratégicas conjuras,
levantadas para o mesmo Destino
que se encilha como a uma estrela,
como a um cavalo, e partimos
nos ritmos do sangue, de pústula
em pústula, para outra pátria
de muitos desejos que nunca se fartam.

LIVRO DE PRECEITOS – 5

Não se pode esconder
o sol dentro da alma,
nem a palavra, calada.

Todos esperam de tuas narrativas
as pelejas, feitos, cicatrizes,
os sonhos fundidos em espada,
as paixões palpáveis.
Porém esperam em vão:
lutas para dentro.

Que coisa é o ciúme,
com suas decepções, recusas, desprezos,
senão ira, ira com dentes de tigre
a roer os próprios ossos?

A humilhação sabe-se,
a desobediência aprende-se
– e nos move!

Perdida a palavra,
perdidos o sonho e o revide,
que nos fica senão o tédio,
o nojo consentido?

O Poeta mastiga a dor
antes de a gritar
nas cordas medidas do coração.

A dor que não se comunica
é dor mais que dor,
e dói mais que tudo.
Anda sem nome,
anda sem rosto
e se engole como fogo.

CANTO DOS FIGOS

Na manhã do sétimo dia
da brotação de tuas penas
estenderá o arco até romper-se a corda, e a seta
disparada ferir desta vida o sonho que nasce

de outro sonho e acorda, de carne e osso, na hora
primeira de outra vida aqui na terra, a alma alvorecida
[com olhos por dentro.

Do fogo irrompido, é a grande indignação
que se levanta e resiste em ti, esse inquietar-se
ao começar o dia, a vida que se fabrica, a vida
que aprende dos logros de ontem, se reinventa,
e dos estrumes a fermentar ao sol, a rosa íntima.
É de palavras indignadas que se fertiliza a terra.

Na tarde do sétimo dia
da brotação de tuas penas
de tudo duvidarás com a alegria desafiante
de quem nada exclui, pois é na terra fértil
das dúvidas que germina a dúvida primeira
das últimas verdades, e que só podes agarrar
[depois que passam.

Dos dias juntará os fragmentos da dúvida,
a vida que se colhe de seu útero prenhe de
[paixões e risos,
restos e fetos da Esperança que tudo posterga
e espera no meio do caminho, genitálias ao sol,
a oferecer-nos, com a foice em riste, o amanhã,
os figos do paraíso, os búzios, entre círios e guizos.

CANTO DOS MOINHOS ASCENDENTES

Nada no mundo está determinado. De tudo sofrer,
é que te alegrarás; de tudo esperar, é que acharás;
de tudo suportar, é que libertarás das manhãs

que se levantam de ti, o fervor mais alto, o que há de resgatar a perda – e com ela, nova paixão. Saberás que em ti a semente não é a flor, mas razão da flor, a mesma razão que alimenta os pássaros no fervor das manhãs; que o homem não é dor, mas passagem dessa dor precária que o arrasta de roldão, dos limiares para a felicidade. Saberás que em ti a flor é razão do fruto.

De tudo duvidarás com a alegria desafiante de quem nada exclui, pois é na terra fértil das dúvidas que germina a dúvida primeira das últimas verdades, e que só podes agarrar depois que passam. E quem pode dizer em que grau arde, arde bem pouco no óleo das horas.

Sofrer mais do que se pode suportar é aprender a humilhar a dor até solver-se a carne na carne, clarear-se o escuro na luz, e exausta a dor, libertar-se no espírito. Lutando saberás que não há derrota possível, nem temerás a coragem que espera em ti, e grita e alumia sobre o que é e o que há de ser, o gozo depois da grande dor, a alegria em rebentos de sol, pois tudo passa, e dentro de tudo a alma-em-flor é tua casa, respira em ti, e canta num só cálice a Vida. Nada deixes calar, nem o anjo e seu fervor, nem a palavra.

LIVRO DE PRECEITOS – 6

Se tudo o que existe
em todos está contido

(as graças, as vilezas)
e a cada um cabe sua parte
no ofício de não ser em vão,
por que nos expulsamos,
por que nos deser damos?

As paixões não açoitam
a quem já está morto
na carnagem das horas,
medido e morno.

Se todos somos feitos
da mesma argila,
amassados no mesmo barro
e jogados na vala comum
inundados de esperança,
por que não partilhamos
as mesmas paixões,
as mesmas culpas?

Tudo suportamos:
a fome a humilhação a vergonha
no entulho das horas – e resistimos.
Pela palavra damos nome às coisas,
e nos mantemos vivos.

Escuros são os caminhos da poesia:
no tear das palavras quer parir a vida
que um dia seria se engano não fosse
ou tecê-la fio a fio na goiva dos sentidos
que pedra seria se paina não fosse

mais que fantasia, anjo-funâmbulo,
desejo que não se acaba
a sonhar sonhos de areia.

Os deuses
mordem a alma dos humilhados,
põem-lhes febre no coração,
para que se rebelem.

A violar os selos, o poema
moureja na argila bruta
para que a palavra seja.

ARTE DE REVIDAR

Para Carlos Nejar

Cada lume de memória
do tempo em que vivi
é um fogo não-extinto.
Cada sonho, cada punhal
do tempo em que me assassinaram
é um fogo que não se extingue.

Cada pedaço de chão
em que piso,
à beira do abismo,
com minhas botinas
de trigos futuros,
é um campo de honra.

Cada casa que levanto
com a escultura das mãos,
a argila amassada
com suor de alma
e a resina destas magras tíbias,
é uma casa de honra.

Cada máquina que fabrico
com o motor dos músculos
e os parafusos de meus dedos,
engrenagens e girassóis
que se movem para nenhum lugar,
meus afogados ossos
nas graxeias de um sonho inútil,
é uma máquina de honra.

Meu sustento é o futuro.
O presente, como quem sonha de águias
entre chacais,

é o sangue derramado do cordeiro,
que eu nasci com esse caos.

SALMO DO OPERÁRIO

Falo, Senhor, das mãos suadas do operário
que alimentam aves de rapina
criadas nas estrumeiras patronais.

Falo, Senhor, das mãos engraxadas
semeando na ventania a nossa dor.

Falo, Senhor, das mãos calosas
que ainda cantam e sangram por suas unhas
fincadas no ombro insubmisso da liberdade.
Falo, Senhor, deste meu povo que geme e cisma
pelas bocas caladas do estômago
pelas máquinas desejantes do lucro.
Falo, Senhor, do operário como charque
espedaçado ao sol, presa dos abutres
nos varais das fábricas, nos arames farpados.
Falo, Senhor, do orgulho sublevado dos mansos
das baionetas ensarilhadas do ódio
que apunham a sombra precária dos sonhos
mas não ousam reconciliar o açoite com a mão.
Falo, Senhor, da mão reconciliada com o braço
a manar pássaros dos porões para a liberdade.
Do braço com a cabeça que governa o açoite
e sacrifica o bezerro imolado por nossas culpas
sob um berro de sangue tão morrido no coração.

Talvez, Senhor, uma esperança qualquer
mal-agourada de presságios
e estremunhando na aurora
desperte o anjo de seu pavor
a hora de seu torpor
a vida de seu tutor
e o operário, Senhor, de sonhos amalhados
cante pela vez primeira.

LIVRO DE PRECEITOS – 7

Sobre as horas mortas,
na soleira dos horizontes
passam os cavalos da eternidade.

Pela desmedida
partilhamos a desobediência com os deuses.
Pela razão erigimos grão a grão
as pedras da conformidade.

Alquimista, só hei de falar
do desejo irrevelado das coisas.
Do que sei, cal inútil, eu calo.

Caído das trevas, foste criado
para servir e honrar as palavras,
nutri-las nos serpentários
e largá-las ao mundo,
semoventes sinais de interrogação.

Os deuses passeiam na alma.
Se não se manifestam
é porque sonhamos só para dentro.
Não aprendemos a acordar.

Afia as palavras
como o soldado o gládio
para o ajuste das contas.

O poeta
come da árvore da vida
os frutos vassallos da palavra,
e cospe sementes de orgulho.

AGORA SABEMOS

Agora sabemos que o medo
é a delação dos submissos
a culpa antes do delito
o turvo, o sem peso nem cor
o desterro, murmúrio de prece
orgulho menos que dor
onde a aranha tece
de suas vísceras a hora

possessiva e breve
de o sonho erguer o salto
e começar o dia, e sem pudor
o desejo mais que febre
morde o absinto rubro-de-alma
é a vida que se desprende
e rasga o ar a claridade
da própria pele
e fere o instante a fome
que insiste dentro dela
é quando depois pelos flancos
os deuses persuasivos
os deus implacáveis
engolem a comida dos outros
e nos debruçamos na janela da manhã
para ouvir dentre as teias soltas
da névoa o gemido das coisas
os sismos, as lavas, os gritos
de Eva, possuída e louca,
o amor que não acaba e pede mais
sem a culpa depois dos delitos.

OUTRIDADE

Basta de esperas. Basta de esperas.
De fingidos sonos de árvores caídas
é que o fruto não se apartará, nem
tua fome ele há de saciar. A mover-te
no assalto a ermidas proibidas,
como quem fustiga a harmonia
do mal de entre bosques sagrados,
a pisar forte com tuas botas

profanas, é que perderás
os fantasmas da inocência
e verás, quase morto,
a vida outrar-se
o tempo todo, o sopro todo
como se o sonho não se cunhasse
em sombras mas em moedas
titilantes de sol.
Mesmo de rastos, no escuro,
feito presa em palpos
de duras tenazes, que te sugam,
te cobrem de cuspidas peçonhas,
verás, com a alma em chagas,
a vida outrar-se.

SEDUÇÃO

Mas é sempre outra coisa a espera.
A saudade, oco engano, e das migalhas
o abandono, o silêncio, como um tubarão
a rondar o rumor do sangue, e da náusea
das palavras abortadas eis que acena
a mão, a naja dos olhos de estranha
mulher, e um botão de seio a debruçar-se
da varanda esquerda, simulado e felino,

rosa a seduzir-te, deixando apenas
dos perfumes o rastro, os langores
de um sonho carnal, os primeiros galopes
de um orgasmo anunciado, a dançar
na ventania entre pirilampos e polens
e a flor que se abre chamando a alegria
de suas pétalas por entre línguas de sol.
E o sangue nos trepadouros do corpo
escoiceando-nos o ventre pela força
da fome de todos os elementos, rumo à foz,
rumo às comportas que não se pode explodir.
Flor de cardo entre a esperança e o nada
(que é outra esperança), a deixar-nos levar
pelas correntes, morremos de saudade, e tudo
o que resta é a espera, sempre a espera
sob a fria sombra duma nuvem qualquer,
inviolável como o tempo futuro, e como
o espírito, que não se deixa ferir por nossos
pobres punhos, por nossas pobres palavras.

QUANDO EU NÃO MAIS ESTIVER

Quando eu não mais estiver
consumado o sonho
sob um pêndulo silente
que se congela no ar
e exalar sândalo
pela boca de um vaso de sombra
quando eu não mais existir
traspassado por um sono

apetecido de dor
e arfar à espreita do gesto
que não mais se ergue
quando eu não mais estiver
restará ao menos uma canção indignada
fruto legado ao orgulho que me perdeu
para dizer, antes que eu murche dentro da noite,
a morte nunca será maior que o meu desejo
quando eu não mais existir.

LIVRO DE PRECEITOS – 8

Há um só sentido na dor:
o de resistir
enquanto mudamos de dor.

Para que não apodreçam,
oferece tuas carnes
aos tigres cativos da alma,
e ela se libertará.

Só é excluído dos frutos
da árvore da vida
o que se exclui de si mesmo,
ruminando a própria culpa.

Se para que nada te falte,
dou-me eu próprio,
então já não somos dois,
mas uma só dor
que outra dor alivia.

Os que não criam, desavindos,
cavilam
formas infernadas de morrer.

A dor de alguns tudo suporta,
não conhece limites,
para que outros se regozijem.

Caça as palavras com redes
de arrasto e cães de faro,
e foge, ao encalço de ti mesmo.

Deus
te concedeu o sol e a palavra,
e um barril de pólvora
para não calares a boca.

CANTO DOS BRIOS

Com as palavras colhidas pelos sentidos,
e abertas em flor, afagarás a dor tanta,
essa cadela mansa que se adula com um sorriso,
e das coisas de viver a dor será tua companheira
doce e servil como a irmã nuvem obedece ao vento.
Só é preciso mudar os hábitos, chamar o alento,
[orvalhar-se na alegria.

Sofrer mais do que se pode suportar
é aprender a humilhar a dor, dar-lhe ganas
de transida esperança, dar-lhe chagas, pastorear
essa dor pelos charcos floridos da solidão comum
até solver-se a carne na carne, clarear-se o escuro
na luz, e exausta a dor, liberar-se no espírito.

Não conhecerás o futuro porque és livre
e o porvir se tece por vontade de tuas mãos –
no fazer – e se a felicidade teima em esconder-se
é com o suor da alma que a desencavamos
na fuligem das horas, enquanto o deus
agoniza, dos visgos de seu umbigo renascemos.

CANTO DAS PROVAÇÕES

A medir a solidão suportarás, nas brasas, as setas
desferidas contra ti, como quem espera a alegria futura
de beber o suor da verdade no côncavo das mãos.
Aprenderás que a paciência dos que suportam é semente
da árvore da provação: amadurece no padecer e cresce
porque ouve a voz de quem nos chama no rumor das

[alturas.

Dos rios, amotinados de suas margens
aprisionantes, libertarás a paixão. Das águas
prometidas cavarás os atalhos, lavrarás
o desafio, a transgressão. E não há razão
ou lei que cale o sangue. E o revide,
nos foles do coração, espera nos desvãos.

CANTO DAS ÂNFORAS

Na manhã do oitavo dia
da brotação de tuas penas
desejarás, não os bens que faltam, mas alma
que espera em ti, e ainda não se revelou, finar-se
inteira no abandono por tanto amor não convocado.
Para que serve o corpo, senão arder, fertilizar o outro,
[almar-se?

Natimortas para a eternidade, rejeitarás das coisas
a vaidade que se perde antes mesmo de sua finitude.
E ganhar ou perder é sempre vender-se no mercado
dos homens. Saberás colher dos frutos duráveis o sabor
que se impregna na felicidade, ali, onde não existe
tempo, e se multiplica de boca em boca de ti para o
[outro em novos sabores.

Na tarde do oitavo dia
da brotação de tuas penas
para não perderes os herdados rastilhos não almejarás
mais do que podes sentir, e o bem que se faz a si próprio
é o mesmo bem que se faz a outro, assim como se verga

a árvore nos abraços para o gozo comum dos frutos.

Que ser estranho é este que nos murmura ao ouvido
a dizer que tudo é possível com um pouco de vontade,
e que nos move no sonho, na vigília, até mesmo na morte
para uma sorte qualquer? O mundo todo planta raízes
na geografia da casa, e dentro dela a vontade é o degrau
primeiro da escada que leva à soleira do ser mais alto.

Fabricarás na oficina dos pressentimentos a matéria
de ti mesma, a animarás com o espírito de outro destino
a pedir pousada: as alegrias tamanhas, a dor por testemunha.
E quando pela treva espessa dobrarem os sinos da manhã
ressurgirás, bebendo no sol, sobre os escombros de ontem.
Assim, dentro de outro, mais perto de ti, sairás de casa.

LIVRO DE PRECEITOS – 9

Os deuses bebem o sangue
dos indiferentes. E cantam
pela boca calada dos mortos.

A fome espera nas madrugadas
construir os dias e os sonhos,
mas ninguém responde,
nem o sol se põe à mesa.

Mesmo varado a baioneta,
ainda não sofres toda a dor,
e não podes provar tua resistência.

Nessa vida transitória

agarra o inesperado
pelas crinas, e monta-o.

Senão pelo sortilégio
de certas palavras invocatórias,
não conhecerás a verdade que se oculta
entre a alma e tua máscara.

De coração para o avesso,
desentranha-te.
Com alguma vergonha,
deixa-te ver com os olhos de outro.
Levanta-te dos espelhos, e anda.

Sangremos juntos,
e a vida não se coagulará.

CANTO DAS RECONCILIAÇÕES

Na manhã do décimo-primeiro dia
da brotação de tuas penas
largando as peles de tantas vidas não consumadas
no destino que passa veloz sem parar nas estações
perguntarás de que servem tantas horas, os dias,
tantos anos, senão quebrar os cântaros lacrados
do sonho, e dos estilhaços organizar o tempo,
as vidências do sangue contra a dor, libertar
um deus qualquer cansado de sua infinitude
que de repente abrisse os olhos, o tempo todo
em armas e rosas na palavra a despregar-se
da cruz, crescendo entre os homens para acordá-los.

Reconciliarás agora o antes com o depois
se aprenderes a desprezar o tempo, e seus rancores.
É dessas águas que fermenta o pão vivo da palavra
que nada diz, e tudo cria em seu íntimo florescer,
mesmo se é dor ou espera, ou ainda o perder-se
[no escuro
sem nem haver partido: é dessa fonte que nos
[banhamos no limiar de tudo.

Nada no mundo está determinado. De tudo sofrer,
é que te alegrarás; de tudo esperar, é que acharás;
de tudo suportar, é que libertarás das manhãs
que se levantam de ti, o fervor mais alto, o que há
de resgatar a perda – e com ela, nova paixão. E se Deus
permanece escondido, é porque arrebatou dos homens
[a palavra, os revides.

CANTO DOS ACASOS

Na manhã do décimo-quinto dia
da brotação de tuas penas
excluirás das cotidianas esperas os deveres fúteis,
os que amortiçam as diferenças, tudo encobrem,
os deveres pousados sobre o sonho como aves de rapina
devorando-lhe as entranhas para que Eros não se exalte
[e dance nas madrugadas.

Onde há sonhos, há poesia: mas o sonho maior é
[amanhecer,
e amanhecendo andar com as palavras pelos vales,
[pelo montes,
pelas aldeias, com o povo a levantar-se de alma nua,
[o espírito

descalço, revidante nas irreverências, que o homem
[sobrevive
consumadas as revoluções antes que o sonho entardeça.
Onde há sonhos, há poesia: mas o sonho maior é
[amanhecer.

Na tarde do décimo-quinto dia
da brotação de tuas penas
não constrangerás o desejo como um rio mais se afunila,
oprimido por suas margens. Do alto das crateras, de ti
as lavas virão descer, semoventes, sobre as águas –
e nada restará desse abraço entre razão e desejo
senão o olho complacente de uma nuvem
eterna que não podes apalpar. Coxa e cega, conhecerás
a ti mesma se libertares os teus encarcerados.
Ao subires a montanha avistarás os futuros
prometidos, e no abandono dos casulos os primeiros
vãos vicejarão. Aonde te chama o fervor, ouves a
[mulher, e cumpres.

LIVRO DE PRECEITOS – 10

Só a um confessor
tudo pode ser revelado,
e que nos acolhe com sabedoria:
a ignorância.

Se queres de fato ver
vaza os olhos do orgulho.

Agarra o desejo pelos chifres
e deixa-te arrastar:

ainda há tempo e ocasião.

Do que vale a alma libertar-se,
se não provou as seduções
do pecado original?

Quando todos calam
e se fingem de mortos,
só a dor quebra o silêncio;
e não há solidão quando
se a interroga aos gritos.

Deixa que te culpem.
Não faz mal que todos te mordam.
Só é preciso não perder a palavra.

Guarda-te das palavras
cujos ventres não arfam,
nem rompem amarras.

Em vão esperam as palavras no morto.
E porque ninguém nunca as ouviu,
agora exalam um odor de culpas podres.

CANTO DA SERENIDADE

Na manhã do décimo-sexto dia
da brotação de tuas penas
moldarás a angústia em dúvidas, a dúvida
em crise a fermentar-se do êxtase e, na serenidade
de tuas mãos, ali onde sombra e luz se tocam,
acasaladas nas vibrações de outra voz, começarás

[a mudar o destino.

O dom primordial é o quinhão de vida
que se pode partilhar no comércio das almas;
a palavra, a senha que a todos reúne na arena
das mesmas conjunturas, e quando os feitos se erguerem
altivos de mãos atarefadas, as palavras perderão
a força, não mais apartando o homem de sua humanidade.

Na tarde do décimo-sexto dia
da brotação de tuas penas
para que não apodreças, calada, e exales,
a encher a boca de sal, galgarás os degraus
dos sentidos. Dos cheiros da terra, perfumarás
de lavanda os poros nas lunações, de ouro, a pele
ensolarada. Brincando nos cachos, lambuzarás
a boca de amoras. De tanto estudar o vôo dos pássaros,
dos sonhos brotarão asas. De ouvir as águas, os ventos
erodindo a pedra, cultivarás com o ócio da serenidade
o dom das metamorfoses. Com os dínamos do coração
iluminará pelas artérias o sangue corrente nos bulbos
[da alegria.

Na noite do décimo-sexto dia
da brotação de tuas penas
não temerás as desavenças – é com elas que a alma
se fortalece, o espírito aprende a desobedecer,
e o corpo começa a cantar dentro dele. Com as
[desavenças
o amor de repente é toda persuasão e força a dançar
[por todos nós.

Dos haveres da casa só cuidarás do fervor,
do cotidiano ainda lúbrico de alegria cuidarás
de esquecer os direitos e deveres; servirás o pão
e o vinho sobre o alvo linho das propiciações.
Não permitirás que o sonho adormeça sem antes
[construir
a ala esquerda de tua morada, o lado dos instintos.

CANTO DOS LODOS

Na manhã do décimo-sétimo dia
da brotação de tuas penas
se o fervor arde ao pé da esperança e o desejo
quieto e faminto espera como fera enjaulada, quem
te proibirá de ver, sentir, fazer – além das grades –
o mundo que podes ver e sentir e fazer, se é a alegria
que te arrasta na mesma chama em que lavras a manhã?
Se procuras o outro em ti, não encontrarás ninguém,
baterás à porta de uma casa vazia – é fora de ti,
no mundo, que todos se movem e dançam, estendem
[pontes e,
entre sete brindes de fervor as promessas se cumprem
mesmo antes de anunciadas, e as almas se afagam dentro
[dos abraços.

Na tarde do décimo-sétimo dia
da brotação de tuas penas
se acaso perderes de ti os caminhos, errante e erma
na dissipação dos tempos, refaz as pegadas ainda frescas
da infância. É nessa peregrinação reversa, buscando
a ti mesma, que encontrarás o sol das primeiras manhãs.

Ali, os horizontes dançam ao pé das fanfarras, sorriem,
de tão próximos podes tocá-los, pular sobre seus ombros
para o outro lado dos sonhos e ver a face dos princípios.
O que não se cria na infância ou respira na argila a saltar
das formas como quem se excita pelo desejo de suas fomes
na mesma sede peregrina, não está no mundo nem nunca
[se perde.

Na noite do décimo-sétimo dia
da brotação de tuas penas
secarás as lágrimas que pesam, pesam encharcando
as penas se voares contra o vento de quem busca,
como as águias, na agonia, os caminhos mais altos.
Aprenderás a saltar dos abismos, e na queda cairás
[dentro de ti.

LIVRO DE PRECEITOS – 11

Somos feitos
para nos devorarmos depois da sedução,
não para nos amarmos.

Se não enterrares os teus mortos,
o que podes criar de novo?

Todas as coisas
esperam
ser persuadidas.

Não haverá outro Destino
senão cavar e cavar
nas areias movediças

da Esperança?

De agora em diante
tangerás a dor
como o animal ferido,
a ocultar dos abutres
as futuras carniças.

Depois de rastejar
ergue o vôo, e voa alto,
o mais alto que podes voar
até que asas nasçam de ti.

Se não podes ressuscitar os mortos,
ressuscita a ti próprio.

Agora sabes,
como os revolucionários e os loucos,
que estar vivo é desumilhar-se.

CANTO DOS INVERNOS IDOS

Não irás julgar-te por tuas próprias palavras,
ou pela opinião dos outros, mas por tuas mãos,
mãos que fazem e desfazem, afagam e agridem.
Se queres alcançar a palavra com outra palavra, os feitos,
o salto sobre a indiferença toldando a dor, terás
que desviar-te das balas, dos punhais, enquanto regas
[uma rosa nos interregnos.

Na noite do décimo-nono dia
da brotação de tuas penas,
para não tombares de tédio ou fome, às vezes é preciso
subir aos altos cumes da prudência, e esbofeteá-la.
O mal é inocente porque não conhece a face mais insolente
do bem: nos habituamos, não quebramos a hora insípida
[do mal que nos submete.

Há palavras que semeiam, colhem, nos devoram.
Outras, nos presentem por um breve instante
de alegria ou dor, depois nos excluem pela discórdia
ou pela paixão. A palavra é o homem e seu exílio:
que se indignem de nós, poetas, por tais provações!
Há palavras que semeiam, colhem e nos libertam.

CANTO DAS INDIGÊNCIAS E UFANIAS

Na manhã do vigésimo dia
da brotação de tuas penas
exercitarás o espírito caminhando, de manhã,
pelas ruas da alma; à tarde, nadando
nos açudes do coração; à noite, embriagarás
o sonho. Com as carnes por fora, vendidas
a peso nos açougues, aprenderás que a ganância
é a morte da alma. Com as provisões para o inverno,
por tuas mãos o necessitado acolherá o aflito,
e os bens acumulados se revelarão aos humildes,
impacientes de espírito. Cultivarás as pupas
[da esperança,
e das crisálidas alas futuras irromperão, orvalhadas
pela manhã.

Na tarde do vigésimo-dia
da brotação de tuas penas
o que está na boca de Deus, pela palavra,
entre vermes e anjos, da indigência às ufanias,
[pode mover
por graça de tuas mãos, para diante, os moinhos,
[as rodas do mundo.
A perseverança deixa rastros: carne e alma confundidas,
[teus pedaços fumegantes.

E quanto ao que não podes fazer, as eclosões da sorte,
grava na pedra, que outros, os sobreviventes, os herdeiros,

farão por ti. E a hora de partir chegará quando o sangue
emudecer as palavras como um sonho que tomba de ti,
[quando
as serpentes do nada... de repente. Ordenarás à alma,
[aos anjos
da natureza, calcando as patas sobre o desejo ainda vivo,
[que cumpram os prazos.

Ao fim dos prazos, na comparsaria dos mesmos sonhos,
o que é humano aprenderá a resistir na agonia, e os
[horizontes,
como o lobo e o cordeiro, virão confiantes beber da
[mesma água,
da mesma graça. Passando de mão em mão a senha,
e de tanto sangrar da carne da terra e semente viridante,
é que aprenderemos a subir pelas andas da esperança,
[ombro a ombro.

CANTO DA CASA REENCONTRADA

Na manhã do vigésimo-primeiro dia
da brotação de tuas penas,
senão por detrás dos muros da palavra, sob
que outras máscaras escondemos os afazeres do eterno
dentro do efêmero sonoro das horas? Tempo virá
em que o rosto humano irrompendo de sua razão, entre
[perfume e chuvas,
refulgirá, pleno e humilde, não mais das cavas de
[seus espelhos,
mas na seara comum onde os desígnios se repartem
e os sonhos se organizam nas tulhas da aurora,
à sombra de Deus. E o sangue espiritual do mundo
recomeçará a circular nos batimentos ritmados em
que te pões a dançar. No comércio do tempo, é o fervor
[que te sobrevive.

Na tarde do vigésimo-primeiro dia
da brotação de tuas penas
quando muitos desertam no limiar das possibilidades,
cabará a ti, enquanto a lua purgar a noite
e o sol germinar o dia, continuar o manto tecido
dos sentidos, ponto a ponto, na rotação dos fusos,
até alegrar-se a esperança com o dia de amanhã.
E o vestido que teces há de acolher as horas,
cortejando-as de pedras e palavras lapidadas,
[rebanho
de perguntas em marcha. Senão o sonho, argila
[e sangue
que podes compor com outras mãos, muitas mãos

solidárias, o que mais podes alicerçar na rocha?
Na noite do vigésimo-primeiro dia
da brotação de tuas penas,
quem vai mais longe, de uma palavra a outra,
e de mais longe busca os princípios de tudo,
busca a água, os alívios, senão o poeta, cego
de nascença, com os cabelos em chamas?

A casa que buscas é a mesma casa que abandonas,
estando nela. E o sonho que não se evapora do suor
das mãos, de tantas mãos esquívas, e paira
[como nuvem
sobre a comunidade dos pães, é um sonho que
[acordou
para dentro, não aprendeu a andar, erguer os punhos.
E é do fervor que a graça se revela, mas só a palavra
[permanece, a memória do mal.

EIS A VIDA

Eis a vida, os pressentidos
da alegria, tudo o que se emprenha,
o pão, o cheiro do café,
a inocência do futuro,
as manhãs boas, as tardes néscias:
e que a vida se alforrie
de tantas fomes, de tantas mortes,
de rir depois das cicatrizes
antes de o sol se pôr
à demência da noite
e se reconcilie com as vinhas
da palavra, ébria na sinfonia dos ventos,
na cizânia do corpo e da alma

como duas metades da mesma laranja
que se libertam, e respiram pelo fogo
e pelo ar, pela seiva que espuma
da lenha a arder, pelas cinzas,
pelas sementes que voam nas painas.
É quando as falas contidas do desejo,
e enfunadas no peito, sob os tambores,
se desfraldam por um sonho conquistado.
É quando tua loucura começa a ser feliz
pela vez primeira, e a vida está fora
de ti. É quando aprendes que a fome
que te sustenta é pão e destino
de teus inúmeros espíritos,
e anda, a fome, em alvoroço e descalça,
sobre as águas de tua alma.

LIVRO DE PRECEITOS – 12

Condena-te
sempre a voar mais alto,
mesmo com uma asa partida.

Vendemos por migalha
o tempo de que somos feitos,
e compramos sonhos alheios.

Os deuses amam
os que são feitos do barro
que não se deixa amassar.

Não cales a dor,
sê justo com ela.

A dor aponta caminhos.

Se não te deixas domar,
é para que não te montem.

O tempo conspira
contra os que testemunham calados
e não revidam.

Antes que apodreça,
questiona o morto dentro de ti
pelos poderes que recebeu
e não gozou.

Não há fortuna maior
que a solidão.
Ali sonha a serpente,
traspassada de sol.

Não queiras,
sempre que amanhece
até sumir-se o sol,
arrancar o melhor de ti
do suor dos outros.

Povoa-te de coisas efêmeras,
se não és capaz de eternizar-te.

Alegra-te
com a vida não passada em vão.
Apalpa tuas cicatrizes.

SOU HOMEM

Sou homem.
E o sonho me pesa,
até aleijar-me as pernas.
A Terra toda não é o homem.
O homem todo não é a Terra.
No torvelinho cósmico
ele é um cisco ao sol,
é fezes de outro homem
que o devora,
por tese, ou moeda, ou ascese.

Sou homem.
E o sonho me liberta
as pernas. Até alar-me.

Sou homem e hecatombe.
Tenho nome e sobrenome.
Sou gentil-homem e lobisomem.
Vago a esmo
no corpo de outro homem
de mesmo nome.
Sou presa de um deus
que não crê em mim.

Sou homem.
Assim é que eu vivo.
Por não rastejar
com as gengivas,
ou esconder os dentes

da palavra, ninguém
não me cala o revide,
a rebeldia.

O AUTOR

Paulo Roberto do Carmo nasceu em Porto Alegre, em 1941. É poeta, professor e tradutor. Tem participado de diversas antologias coletivas no Brasil e em Portugal.

Recebeu o Prêmio Nacional de Poesia Alphonsus de Guimaraens, da Fundação Biblioteca Nacional, em 2000. Finalista do Prêmio Açorianos, cidade de Porto Alegre.

Diz o poeta: “Escrevo porque não posso esconder o sol dentro da alma, nem a palavra calada. Escrevo porque entre o homem que colhe e o que semeia, há um homem que sonha o peixe, o pão, o vinho, os alimentos coletivos da alegria, da liberdade, da justiça, a arte de tornar-se humano mudando não apenas a aldeia, mas a mim mesmo. Essa obsessão de libertar a alegria que se aprisiona dentro das palavras, é para aprender a exumar-me de minhas cotidianas mortes.”

LIVROS PUBLICADOS

Crisbal, o Guerreiro (IEL/RS, 1966);
Estação de Força (IEL/RS/Movimento, 1987);
Breviário da Insolência (Massao Ohno/SP, 1990);
Livro de Preceitos (Nejarin/ES, 1993);
Trajatória Poética (IEL/Movimento, 1994);
Livro das Manhãs (Parlenda/RS, 1997);
A Revolução das Aprendizências, com Vilmar Figueiredo de Souza (Unisinos RS, 2000);
Arte de Revidar (Unidade Editorial/PMPA/, 2000);
Crisbal, o Guerreiro (versão 2002, IEL/Corag/RS).

Tradução

Princípios de Crítica Literária, de I. A. Richards,
Ed. Globo.

ALGUMAS OPINIÕES SOBRE A POESIA DE PAULO ROBERTO DO CARMO

“Paulo Roberto do Carmo, cuja palavra grave foi assemelhada a ‘uma raiz que fecundasse a terra de auroras e ressurgimentos’ (...). Há luta em todos os recantos do poema.”

DYONÉLIO MACHADO

(...) “Está algo dizendo-me que sua economia verbal é usina de qualidade – associada a algo que não é freqüente, a luminosidade. A coragem de não abdicar de uma convicção – a de que, como homens, sejamos deuses ou sejamos nada, nada somos se não reivindicarmos para todos o que queremos para um só que seja de nós – faz de sua poesia algo eterno, indo às fontes, pois nas fontes até o lírico é social.” (...)

ANTONIO HOUAISS

(...)“Os núcleos com que se mune, (...), se constelam em rebeldia, motim, cavilação, conjuras, privação, forjadura, viseira, sublevação, batalha. Seus vocábulo são ferrenhos, como fio da espada desembainhada. Livro de verbos em rotação, todo o texto ruma para a luta sem quartel em lugar nenhum. Ou em todos.” (...)

CARLOS NEJAR

(...)“Carmo é um criador de palavras duras, ásperas, preocupado com o social, convicto de que o verbo é um ato de guerrilha.” (...)

JUREMIR MACHADO DA SILVA

(...) “Cabe ao poeta manter desperta a consciência e compartilhá-la com seus irmãos.” (...)

EDUARDO ALVES DA COSTA

“Há invejas que são boas porque feitas de espanto e admiração. Leio teus poemas e me entonto na sinfonia visual das metáforas que giram em torno de um ícone-corifeu a construir-se, sempre o mesmo, na diversidade coral dos poemas. Eis a minha inveja de aprendiz eterno que nunca chegará lá-onde-a-metáfora-só-se-refere-a-si-mesma, pois tudo mais, é literatura e prosa pragmática.”

RAUL MACHADO

“Um poema é indivizível. Um livro, intransferível. Mas em certas circunstâncias podemos dizer : este livro, somente este poeta, poderia conceber e realizar. E isto numa visão mais ampla que o mero caráter literário. Estamos então no terreno da dimensão humana. Só um homem solidário, de grandeza interior, alheio a redemoinhos do que é fútil, poderia constituir o ‘Livro das Manhãs’. Trata-se de uma oração. Sim, como todo grande poema. Mas o que existe aqui é um sopro de vida. Eis PRC, como irmão dos padecentes, espargindo o bálsamo milagroso da poesia sobre as dores do mundo. ‘Lutando saberás que não há derrota possível’.. Essa é uma canção de despertar para a vida, pois

‘quem aprende a suportar, já pode amanhecer’. Mas não é este o cântico da aceitação da morte. É sim, sua recusa. ‘É preciso revolver as brasas, atirá-las, senão de cinzas se cobrirá o coração’. Este é também o livro do tempo. ‘Criar é medir forças com o destino’.” (...)

LUIZ CORONEL

(...) “Negando-se a contemplar o mundo, seu canto é coletivo, voz do homem que resiste ao próprio desamparo. Poesia social é um grito de guerra que se nutre e ampara na esperança.”

LÉA MASINA

(...) “PRC é um impressionista francês mesclado a um trovador medieval. Parece que ele está cavalgando com uma bandeira de vitória na mão. (...) Gosto da vitalidade de sua poesia, do denodo (...)”

WALMIR AYALA

Nos famosos “Cadernos de Cultura”, publicados pelo Serviço de Documentação do antigo MEC, a partir dos anos de 1950, o diretor da coleção, José Simeão Leal, incluiu alguns pequenos livros intitulados “50 Poemas Escolhidos pelo Autor”. O primeiro deles era de autoria de Manuel Bandeira, e em seguida vieram, entre outros,

os de Augusto Frederico Schmidt, Carlos Drummond de Andrade, Ledo Ivo e Emílio Moura.

Foi em homenagem a esse esforço em prol da poesia que esta editora retomou a idéia do Professor Simeão Leal, para apresentar, com o mesmo título de “50 Poemas Escolhidos pelo Autor”, estes livros de poetas de tendências as mais diversas, de várias partes do país.

Este livro, vol. 21 da Coleção “50 Poemas Escolhidos pelo Autor”, foi digitado em programa Word e paginado em PageMaker 6.5. Para o miolo usou-se papel offset de 90 g/m² e para a capa cartão de 250 g/m². impressão e acabamento foram realizados no Rio de Janeiro, pela Acerto Gráfico e Editora, com filmes fornecidos pelo editor, concluindo-se os trabalhos gráficos em dezembro de 2006.